



Editorial

Renovar laços e pontes

Renovar lazos e puentes

Renew ties and bridges

Maria Cecília França Lourenço

*Professora Titular Sênior, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Universidade de São Paulo, São Paulo/BRA, mcfloure@usp.br*

INTRODUÇÃO

A história, na realidade, não é, como desejaria a ideologia dominante, a sujeição [...] ao tempo linear contínuo, mas sua liberação deste: o tempo da história é o Kairós em que a iniciativa [...] colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade.
(AGAMBEN, 1997, p.126)

O País vive agora em tempo icônico, ante a chance de renovação em muitas esferas, entre outras em: artes, conteúdo, tipos e formas de comunicá-las; memória, a rever o papel de etnias, povos originais, gênero; pleitos em educação, habitação, saúde e política. Em oposição, há um governo com problemas, entre tantos, distância e desprezo à questão cultural, menos aquela centrada no que Guy Debord formulou em “A sociedade do espetáculo”. Para este, em dadas condições, o poder age com foco no simples espetáculo, mediado por imagens. Deseja apenas aparecer, iludir e dissimular, bem definido na frase por ele formulada “[...] o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997: 16-17).

Giorgio Agamben, admirável pensador, chama a atenção, na epígrafe acima, para o deus grego Kairós, que, como Cronos, rege o tempo. Aquele subsidia escolhas do humano em sua caminhada, encorajando-o às melhores e, também, incitando-o a se arriscar em inéditas. E quais seriam então as ações na linha Kairós, para criação de

pesquisas neste momento? Reitere-se que o tema desta edição indaga: “Artes: outros modos de produção e recepção”? A seleção deste se dá no Conselho Editorial (CE), composto por professores, do país e exterior, cabendo a ‘Apresentação’ a Amanda Saba Ruggiero, que o investiga e gerou estímulo, como se pode notar nos artigos. Sugere um tempo futuro, incógnito e que se deseja distinto do atual.

Cabe esclarecer que, a cada edição, o conteúdo da *Revista ARA FAU USP* se divide em dois blocos: investigação efetuada no Grupo Museu/Patrimônio (GMP FAU USP); e as originárias de Submissões. Quanto ao primeiro, busca-se espelhar a investigação ininterrupta do GMP, desde 1991, evitando avaliar conceitos, definições, transformações e questões de outros, sem expor a própria. Quem ensina, aprende e não teme críticas, na certeza de que estas cooperam para se rever antigas certezas. Com vistas a sugerir apreciar as diferenças, o material foi disposto em blocos, com autores em ordem alfabética. São estes: “GMP: Sentidos e Gestos”; “Criação e Arte Contemporânea”; “Modos de Expor”; Imagens e Experiência”.

GMP: SENTIDOS E GESTOS

*A arte não é uma atividade humana de ordem estética,
que pode, eventualmente e em determinadas circunstâncias, adquirir também
um significado político. A arte é em si própria constitutivamente política,
por ser uma operação que torna inoperante e que contempla
os sentidos e os gestos habituais [...]
(AGAMBEN, 2017, p.49)*

O GMP FAU USP foi criado, após ter me doutorado e por sugestão de Celso Favaretto, membro da Banca e hoje do Conselho Editorial. As reflexões presentes no Dossiê GMP emergem de sistemáticos seminários realizados pelos membros, com estudo de muitas obras feitas por um mesmo autor, além de debates, participação em encontros científicos, visita técnica e pesquisa individual, em fontes arquivistas, bibliográficas, entrevistas, entre outras práticas. Selecionam-se textos, desde que atendam às pesquisas, daí o conjunto voltado no último semestre à obra de Raymond Williams. Cada membro elabora seminário, ligado ao projeto individual e em diálogo com inúmeros outros, privilegiando-se vários livros, de cada um. Entre

tantos: Walter Benjamin, Michel Foucault, Michel de Certeau, Milton Santos, Darcy Ribeiro, Georges Didi-Huberman e o próprio Giorgio Agamben, aqui homenageado.

Os objetos em cada pesquisa sempre são acatados e incentivados, como se vê na diferença de questões, com viés no contemporâneo, em que se inserem arte, arquitetura, urbanismo e design, interesses do GMP. Nesta edição, estão: análise de obras públicas, sob a ótica de experiência e meio social, por Anna Maria Abrão Khoury Rahme em grafite e pichação; memória, com ênfase na coletiva, definida por Milton Santos, em paralelo com a cultura digital, em Amanda Saba Ruggiero; também sobre os meios digitais, com ações de grupos coletivos em espaço urbano latino americano, no trabalho de Regina Lara Silveira Mello e Leslye Revelly dos Santos Arguello, trazendo Nicolas Bourriaud, Claire Bishop e Benjamin.

CRIAÇÃO E ARTE CONTEMPORÂNEA

Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que se ligam em todos os pontos perfeitamente com ela, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.
(AGAMBEN, 2015, p.22-3)

As Submissões enviadas e aceitas pelos pareceristas versaram bem a hora vivida, em variadas situações e mídias. Com avaliações significativas, souberam conservar o distanciamento crítico proposto por Agamben em seu clássico texto, saído em várias publicações, sob o título “O que é contemporâneo”? Neste conjunto se insere o sensível ensaio fotográfico de André Leite Coelho, feito na China; aprofundamento relativo à arquitetura de Aldo Rossi, de Carolina Rodrigues Boaventura; a Ocupação 9 de Julho de Érika Ferrari.

Leite Coelho detém-se em pessoas, situações, edifícios e paisagens chinesas, na capital Beijing e mais, Nanquim, Hangzhou e Xangai (2012 e 2018), longe de estereótipos fixados em cartão-postal, ou livro turístico. No ensaio fotográfico, cujo título reside em “As sombras de Laoximen: fragmentos”, revela meandros sutis, com inúmeras imagens sobrepostas. “Fragmentos” do título alude ao termo definido por

Davi Kopenawa, que se origina quando garimpeiros retiram ouro dos rios, trituram e aquecem, espalhando uma fina camada, como a névoa das cidades.

Agregando com desenvoltura admiráveis pensadores, como Theodor Adorno e Benjamin, Carolina Rodrigues Boaventura analisa a participação do espectador, junto à obra criada para a Bienal de Veneza (1980), por Aldo Rossi, cujo título dado pelo arquiteto foi *Teatro del Mondo*. Relaciona esta ao conceito utilizado por Rossi, *città analoga*, uma “operação lógico-formal”, sendo ‘analogia’, como afirma a autora, advinda de Ferdinand Saussure. Documenta, de forma inequívoca, questões de intertextualidade entre arte, arquitetura, literatura na contemporaneidade e um aprofundamento crítico, bem orientado e concretizado.

Em “Ocupação-Monumento”, Érika Ferrari ressalta a atuação ativista dos envolvidos, nas questões sociais, em face de déficits em habitação, e de política pública satisfatória, na esfera pública, visando revertê-lo. Refere-se à “Ocupação 9 de Julho”, na capital paulista, como mote para questionar a demanda por moradias e por monumentos de grande alcance. Nesta hora, em que se contestam, no mundo, as escolhas para homenagear, ‘didas’ figuras públicas, não se classificam como ressaltáveis situações como esta, colocadas à margem da memória urbana. Estuda e documenta as ações coletivas no edifício assinado, ocupado inicialmente nos Anos 1990, seguido por sucessivos planos para reverter e reocupar. Fornece ampla bibliografia, cito, Jacques Le Goff, Claire Bishop, Nicolas Bourriaud, Françoise Choay.

IMAGEM E EXPERIÊNCIA

Uma teoria da experiência poderia ser somente uma teoria da infância e o seu problema central poderia ser formulado dessa maneira: existe algo como uma infância [...]? Como é possível a infância como fato humano? E se possível, qual seu lugar?
(AGAMBEN, 2015, p.58)

O tema do múltiplo papel da imagem na experiência urbana, em Agamben, pode ser cotejado ao que se denomina infância. Adverte que não se limita a uma mera citação cronológica, ou etária, ou mesmo termo constituído em campo especializado. Ao contrário, esclarece que com o conceito deseja avaliar o limite da linguagem: “Um

experimentum linguae [...] é a infância, na qual os limites da linguagem não são buscados fora da linguagem, na direção de sua referência, mas em uma experiência da linguagem como tal [...]” (2014, p.12).

Neste bloco, a experiência em linguagens se evidencia, como no artigo de Marco Aurélio Fiochi, dedicado à fotografia de Hans Günter Flieg, para detectar a representação da modernidade brasileira, inserida no próprio título. Refugiado no início da II Guerra Mundial, Flieg foi escolhido para realizar imagens publicitárias e outras. Documentou a industrialização, fixando arquitetura, trabalho, formas e o ser humano. Fiochi, para interpretar a obra, abordou autores ímpares, cito Jacques Le Goff, sobre “documento-monumento”; os sociólogos Stuart Hall, em “representação” e o atuante José de Souza Martins (USP), acerca de “objeto puro”. Observa outra questão notória: a passagem do acervo de Flieg de impressos, para coleções.

A colaboração de Paul Newman dos Santos também trará para o leitor várias áreas e experiências, sob o título “Tempo, movimento e urbanidade: slow cinemas e a estética da lentidão como experiência do viver urbano real”. Centra-se em crítica das representações urbanas, relação espectador-filme, no *slow cinema*, definidos com contribuições, em 2008, de Michel Ciment e Matthew Flanagan. Note-se que Milton Santos usara a expressão, “homem lento”, ao debater o fetiche da velocidade: “Se pobres [...], os homens ‘lentos’ acabam por ser mais velozes na descoberta do mundo [...]” (1994, p. 41); ou livro com este título por J. M. Coetzee (2005). Hoje há inúmeros contrários à aceleração do tempo, diminuição de espaço, ubiquidade de se estar ao mesmo tempo, em múltiplos lugares, ainda que virtuais.

MODOS DE EXPOR

Uma obra crítica ou filosófica, que não se mantém de alguma maneira numa relação essencial com a criação, está condenada a girar no vazio, assim como uma obra de arte ou poesia, que não contém em si uma exigência crítica, está destinada ao esquecimento.
(AGAMBEN, 2015, p.15).

A análise crítica relativa a diferentes exposições se consolidou ao final do século passado, com autores e títulos como Jean-Louis Déotte, *Oubliez! Les Ruines*,

L'Europe, Le musée. (1994). Anna Maria Guasch. *El arte del siglo XX en sus exposiciones. 1945-1995.* (1997). Bernd Klüser; Katharina Hegewisch. *L'Art de L'exposition. Une documentation sur trente expositions exemplaires du XXe siècle.* (1998). Sem incluir, nesta breve citação, segmentos específicos, como as Exposições Universais, as dos nazistas e fascistas, sobre Arquitetura, ou de Modernos, Bienais e Contemporâneos, com que venho me envolvendo, para lembrar alguns.

Fabiane Schafranski Carneiro apresenta “Recepção e participação em Instalações contemporâneas: indício de sua função social” baseada nos clássicos, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Interpreta obras em que há interação popular, o que amplia tanto o “horizonte de expectativas” (Jauss) quanto o de “espaços vazios” (Iser). Aborda ações críticas, como as de Hélio Oiticica e barreiras em se agir em espaços urbanos. Selecionou recentes, feitas em local onde há fluxo de distintas camadas sociais e podem causar estética diferenciada. Até mesmo em instituições, que expõem obras em que o corpo interage com o público, originaram-se conflitos, como se tem constatado, o que dirá no espaço da cidade, porquanto se faz sem equipes, roteiro previsto, apoio de monitores e pessoal especializado.

Isabel Xavier, com papel em exposições, pondera algumas, de Georges Didi-Huberman, a saber: *Atlas, Suíte* (2013) no Museu de Arte do Rio e *Levantes* (2017-8) no SESC Pinheiros /SP. Esta, iniciada no *Jeu de Paumes* em Paris/ FRA (2016-7 e seguiu itinerância intercontinental, devendo ser adaptada. Seguiu para: Barcelona/ ESP, Buenos Aires/ ARG (2017), Cidade do México/MEX e Montreal/ CAN (2018). Estudiosa também do autor e suas relações com Aby Warburg, aprofunda o papel da fotografia e a divulgação da obra de Warburg para diversos públicos, sempre numa visada crítica de quem age na área; além destes, volta-se a Walter Benjamin. Tal escopo se constata já no título “As exposições brasileiras com curadoria de Georges Didi-Huberman e sua contribuição para a difusão do pensamento warburguiano”.

Por último e tão abissal como os demais, Pryscila Freitas Gomes possui perfil profissional similar ao de Xavier, quanto ao apego ao saber e trabalho em instituições. Aborda mostra expressiva, quando na segunda metade dos Anos 1980, óbitos pela aids se revelaram, sob o título: “Testemunhos contra o nosso

desaparecimento: Nan Goldin, a aids e a fotografia de intimidade”. Segundo relata, o trato do problema em exposição colaborou para combater à estigmatização, informando para o combate. Nesta precisa hora em que emergem outras doenças, com morte, luto e preconceito, ante novas cepas da Covid-19 e outras, a colaboração se torna muito contundente e sensível. A autora utiliza-se do texto de Susan Sontag “A doença como metáfora” de 1978, estelar para aprofundar as várias facetas.

CONCLUSÃO

A 12ª edição da Revista ARA FAU USP, coincide com algo incomum - os 30 anos do GMP. Isto decorre do trabalho de gerações de participantes e em todos os níveis, desde Iniciação Científica ao pós-doutorado e Livre Docência, em diálogo e trocas essencialmente horizontais. As colaborações aqui reunidas apontaram como, felizmente, há muitos interessados em alargar o saber, sem temer autores clássicos e atuais qualificados. O volume resultante elenca questões de ponta para se vislumbrar renovação cultural e favorecer o futuro de todos. Entre as mais utilizadas ressalto – memória *versus* apagamento; artes e política; preconceito e debate; renovação e retrocesso; participação e recepção; comunicação expográfica e curadoria, definidas por inúmeros pensadores aprofundados em distintas formas pelos textos e imagens.

Reitero outros focos presentes nas Submissões, que englobam ação profissional de autores na própria mídia analisada, tanto em ativismo, equipe curatorial, quanto na prática diária. Curioso é que muitas pesquisas advêm de trabalhos acadêmicos, que tive a chance de ter acesso, em parte para aferir se tratava-se de extensão ou mera cópia do já feito. Predomina, sim, o intento de revê-los e aprofundar hipóteses, talvez à luz de menções da banca, a par de estudos e pesquisas póstumos, indo além do já exposto, como defende a Revista ARA FAU USP, nestes tempos produtivistas, marcados em grande parte por aferição numérica de quantificadores.

Acredita-se no trabalho coletivo, debatido e ajustado ao que cada um mais se identifica, enfim exercício almejado da prática democrática. Deixo assinalado profundo agradecimento ao GMP, autores, pareceristas, membros do Conselho Editorial, colegas e funcionários da FAU USP, que sempre nos acolhem e, em

especial, aos da Editoria. Todo esse universo compõe-se de distintos fazeres, alvos, faixa etária, méritos, ideologias, formação, estágio na carreira, entre inúmeros outros. Une a diversidade, os compromissos com a ‘comunidade que vem’, no título de Agamben, defendidos em âmbito renovado e procurando compartilhar, extensão cultural do conhecimento e tentar melhorar sempre! Ciça, em 29 ago. de 2022. Final do Inverno.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

----- . *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*, 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

----- . *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DEBORD, GUY. *A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Fontes eletrônicas e sites

AGAMBEN, Giorgio (2017). *Arte, Inoperatividade, Política*. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/agamben-marramao-rancic3a8re-sloterdijk-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SANTOS, Milton (1994). *Técnica espaço tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional* Disponível em: <http://geocrocetti.com/msantos/tecnica.pdf> Acesso em: 27 ago. 2022.